

ACORDES DE UMA LIRA PROSCRITA¹

Dinacy Mendonça Corrêa²(dinaletras@gmail.com)

Chico da Mata, poeta desconhecido – ensaio literário. Aborda-se a trajetória vida e arte do poeta/homem. Analisa-se a poeticidade de seus versos.

Palavras-chave: literatura, lirismo, poesia.

Chico da Mata, poète inconnu – essai littéraire. On abord la trajectoire vie et art du poète/homme. On analyse la force poétique de ses vers.

Mots-clef: littérature, lirysme, poésie.

...se vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, metam-se por aí, por esses rincões, passem uma noite num rancho, à beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio... Poesia é povo. (Sílvio Romero)

Quando um crítico tiver dito tudo sobre um texto literário, não terá ainda dito nada, pois a própria definição de literatura implica não se poder falar dela. (Todorov)

...Operando na linha da similaridade, por meio do processo psíquico da associação, a lírica encontra relações surpreendentes entre o sentimento do presente, as recordações do passado e o pressentimento do futuro, entre os fenômenos da natureza cósmica e os atributos do ser humano [...]. (Salvatore D'Onofrio)

Estes **Acordes**, ensaio literário centrado na obra inédita de **Chico da Mata**, poeta iletrado e desconhecido, vêm retomar (dando continuidade) um projeto (sempre aberto) de pesquisa, por nós desenvolvido há alguns anos atrás (1980-01), sob os auspícios do Programa Bolsa de Trabalho-Arte (Mec/Dac-Ufma), ainda quando estudante universitária, e sob a inspiração e orientação do saudoso professor Pe. Jocy Neves Rodrigues.

Tudo começou no nosso 6º. período da graduação em Letras quando, bolsista de Iniciação Científica, participamos do Terceiro Treinamento Sobre Metodologia da Pesquisa e Técnicas de Projeto (Dac/Prexae/Ufma-1980), ministrado pelos professores: Mário Cella, João Tavares, Arno Kreutz e Jocy Rodrigues. Dentre as muitas especulações temáticas, detivemo-nos e refletimos sobre um virtual labor poético, de engenharia linguístico-literária artesanal, possivelmente configurativo de um estágio intermediário, no contexto evolutivo da dinâmica vida-arte, transitivo do popular para o erudito... emanado

¹ - condensação/adaptação do trabalho monográfico de conclusão da disciplina **Genealogia dos Gêneros Literários e Estilos de Época**, ministrada pelo Professor Frederico Liberalli de Goes, no Mestrado em Letras (Ciência da Literatura/UFRJ-1998-2001).

² - Professora da Uema (Universidade Estadual do Maranhão), Mestre em Letras (UFRJ), aluna do doutorado em Ciência da Literatura (UFRJ).

do cotidiano empírico da experiência humana, à luz do autodidatismo e da sabedoria intuitiva... em suma: uma articulação da palavra-arte, processada em silêncio, nas entrelinhas anônimas da vida...

Ora, se há o músico intuitivo (o que compõe e toca “de ouvido”) o pintor inato (o que pinta, admiravelmente, sem nunca ter estudado belas-artes)... é possível que haja, também, o literato, o poeta leigo, nessas mesmas condições... E, se houver, como será essa produção?... Eis a questão a mover este trabalho.

A essa virtualidade literária (digamos incipiente ou mesmo insipiente), convencionamos **literatura iletrada** – produzida por pessoas incultas, de pouca ou nenhuma escolaridade, desenvolvendo-se fora da estufa acadêmica e sem o estímulo, a orientação dos meios veiculadores da cultura e da educação sistemática.

Sob os influxos d’**O Lamento das Coisas**, de Augusto dos Anjos, partíamos da premissa de que deveria haver, sim, por aí, pelos corredores e subterrâneos da vida, muita coisa vibrando, latente, aspirando/esperando por uma oportunidade de **vir a ser, existir, revelar-se...** ou talvez melhor dizendo (agora na esteira de Descartes e Heidegger confrontadas por AMARAL, 1977, p.31): é preciso saber ouvir a essência das coisas, suspirando pela existência...

Nessa perspectiva, surgiu o nosso já aludido projeto de pesquisa, também denominado **Literatura Iletrada**, voltado para esse tipo marginal de expressão artístico-verbal. Fruto de pesquisa de campo, num contato real com o fenômeno investigado, no seu transcurso, foram detectados e elencados alguns representantes do gênero em apreço, sendo estudados, mais detidamente, dois dentre estes: Maria Campos e Chico da Mata – ambos praticantes, cultores “invisíveis”, da escritura poética. Chico da Mata, revisitado, (literalmente), quase vinte anos depois (1998) do nosso encontro e primeiro contato, ao retomarmos o antigo trabalho, as antigas entrevistas com o poeta, até então vivo, lúcido e residente no mesmo antigo endereço...

Retomando, nesta oportunidade, o projeto (sempre inacabado) **Literatura Iletrada**, nossa intenção, ainda, é **dar voz** (oportunar uma nova audiência) a um estro poético inaudível e, ao mesmo tempo, lançar um olhar contemporâneo, portanto reavaliativo, sobre Chico da Mata vida e arte. Assim, sob esta ótica, num duplo olhar que se volta, simultaneamente, para trás (no vértice das reminiscências, na rememoração de um

momento pregresso) e se projeta para a frente (para o futuro, à guisa ressignificação, no presente, de um valor recordado), podemos vislumbrar, nesta retomada, um entrelace com a história, sobretudo no que tange à leitura da cidade... sempre em transformação. E aqui vale uma notação a Friedrich Von Schlegel que, em frase tão conhecida, definiu a história como uma profetisa que olha para trás... O presente ensaio, pois, ao imergir nos interlúdios do tempo, para emergir, dos idos da década de 80 (sec. XX próximo passado) ao portal dos anos 2000, na alvorada do século XXI, só seria viável, pois, no fluxo/refluxo da rememoração e da reminiscência...

De forma que, este trabalho constará de uma biografia poética, na articulação homem-poeta/vida-poesia, seguida de um breve comentário crítico, tendo em vista o fator literariedade/poeticidade na paisagem ficcional em mira.

Da matéria poética em estudo, conservaremos o registro ortográfico (a norma linguística irregular em que o poeta grafou os seus textos), a partir do qual podem ser reconhecíveis variantes tais como:

* Preferência pelos fonemas U - I, em detrimento do O e E. como em: PUETA, PUISIA, MUCHILA, TUADA, ISMOLA, ISPOSA, ISTRELAS, CUMER, PIRIGO, TURMENTO, SUFRIMENTO, DISPERTAR, APUDERAM, DISMAIA, ISQUICIDA, AJUELHADO, DURMINDO, ABENÇUADO, DISALENTO, INUCENÇA, DISGOSTO, DISTINO...

* Ou o contrário do observável acima, como em:

DELEMA, DELETO, MUSICAES, CÉOS, SELÊNÇIO, COMPRIR...

• Confusões entre G e J, S e Z, X e CH, Ç e S, O e H:

FASSO, SELESTIAES, VERÇOS, CANÇEIRA, CURÇO, PACHÃO, QUEICHE, ORAS (tempo), ONESTO, PROGETARÁ, DIZIMPREGO, DIZISPERO...

• Tendência para elipse do U e do I:

ROPAGE, PACHÃO, APACHONADO...

• Inabilidade no uso do fonema SC como em:

FASSINANTES, DISSERNIR...

• Inabilidades, também, no emprego da forma verbal no futuro do presente, como em

DIZER-TI-EI; da interjeição ADEUS, grafada A DEUS; da adversativa MAS, sempre grafada à maneira do advérbio MAIS; do advérbio de negação JAMAIS, sempre escrito JÁ MAIS.

Predominando tais características, na grafia dos textos em análise, há que se advertir: uma palavra grafada em norma arcaica, ou mesmo inculta, com marcas locais de oralidade, pode aparecer, em outra circunstância textual, em norma vigente e correta, sugerindo que o sistema ortográfico damatiano transita do arcaico para o moderno, ou da norma popular para a norma padrão, da língua, como num processo de aprendizado, advindo da prática da leitura, do labor continuado com a palavra... Do discurso oral do poeta, flagrado nas entrevistas, pode-se dizer, reflete as mesmas variantes linguísticas do seu discurso escrito.

Na redação deste ensaio, optamos pela primeira pessoa do plural (nós) e pelo tempo verbal do presente, ainda que os dados biográficos aqui constantes remontem a um tempo já pregresso, relativamente distante. Reiterando, optamos pelo presente, pois que se trata de uma biografia poética, no entrelace homem/poeta, vida/arte. E como diz DANTAS (1988, p.20): “... a poesia está além do tempo e do espaço. Permanece”. A poesia, portanto, **É**; não era, não foi, não envelheceu. O poeta-homem, o homem-poeta não passa. **É** sempre.

À biografia, pois...

SAGA POÉTICA DE UMA VIDA

Chico da Mata – apelido e pseudônimo poético de Francisco Nelson Filho – nasceu em Alto Longá, no Piauí, em 17 de março de 1917. Filho dos lavradores Francisco Nelson da Cruz e Raimunda Rosa da Conceição Cruz. Alfabetizado em casa, pelo padrinho Luís Vitório de Sousa (criador e lavrador), vem a matricular-se, em seguida, na Escola Municipal do lugarejo, onde completa a sua escolaridade nos dois **paleógrafos** (espécie de cartilha, síntese enciclopédica da época) que estuda. Ele mesmo o confirma: “minha escolaridade vai só mesmo até o paleógrafo, que li dois livro”.

Persistente, dedicado, consegue atingir um bom nível de leitura, o que lhe vem oportunizar o autodidatismo e a performance poética, pela qual se identifica:

*Eu sou o Chico da Mata
Nascido por excelência
Como quem já tenha vindo
Das intranhas da ciência
Tendo por pai o saber
e por mãe a intiligência.*

O “despretensioso” auto-retrato poético, toucado de um narcisismo de coloração teatral e lúdica, exaltando a precocidade do poeta inato, compõe-se nos moldes cordelescos da sextina em redondilha maior, recorrente nos desafios exibicionistas do cantador do sertão, do poeta popular, de cuja taça ele experimentou o seu primeiro gole poético. Ele mesmo conta como se deu a embriaguez nesse vinho, o encantamento/sedução da palavra:

Um dia teve um festejo no lugá. Eu era piqueno e vi um moço com um violão recitando e cantando umas puisia e todo mundo prestando atenção nele. Achei aquilo tão bunito que me deu vontade de expromentá, vê se sabia tombém fazê como ele. E expromentei. Deu certo. Daí em vante, não larguei mais a puisia.

De suas primeiras experiências no gênero, relata evocativo: “no começo, eu non sabia ainda iscrevê direito e ia ditando prum irmão de criação, que já lia e iscrivia bem. Mas, assim que aprendi, passei a iscrevê pur mim mesmo e até hoje!”

Espontâneo, intuitivo, desconhecedor das normas gramaticais e da Teoria Literária, Chico da Mata tem por mérito maior uma vida dedicada à experimentação poética, como ele mesmo figurativiza: “Amo a puisia. Vivo de puisia. A puisia fronda, floresce e frutifica no meu coração”. E declara, filosófico, no seu iletrado poetar:

*Sou romântico trovador
Também sou muito feliz
Coração não envelhece
Mentira de quem o diz
Coração só envelhece
Quando se sente infeliz.*

Mais:

*Sou o maestro da lira
Sou a força do vigor
Amigo da juventude
De qualquer seja quem for
O escravo apachonado
Sofrido mais cheio de amor*

Sanfoneiro por vinte e oito anos, vem a ser, por todo esse tempo, também compositor de modinhas sertanejas, melhor dizendo, de poemas musicados (já extraviados no tempo). Ei-lo que recorda: “Iscrevia a letra e botava a música. Saía tocando de festa em festa. Tinha muitas fãs!” Garante saudosista: “Era uma vida muito boa!”

Chega, porém, o dia em que se vê na contingência de mudar de vida, ao ter que deixar a sua terra e rumar para o Maranhão. Na partida, a **DESPEDIDA DO PIAUÍ**, que o poeta destila nestes versos:

<i>Adeus, meu Piauí, sertão adorado</i>	<i>Como uma folha seca, suspensa no ar</i>
<i>Solo idolatrado, caminhos que pisei</i>	<i>O vento a levar. Assim vivo eu</i>
<i>Eu me vou embora, levando saudade</i>	<i>Um navio perdido no meio do mar</i>
<i>Não sei se mais tarde aqui voltarei.</i>	<i>Sem poder voltar ao distinto seu.</i>

*Saudoso, afligido, que grande emoção
Deixar meu sertão, minha terra dourada
Minha alma te chora, adeus meu sertão
Daqui vou pra longe, ó terna morada.*

*Às vezes medito, no grande silêncio
O desgosto imenso de ter que viver
Distante de ti – que não posso esquecer
E começo a verter este pranto tão quente.*

*Amargo pranto – meu atroz destino
Desejo ferino me vem a momento
Voltar outra vez para a terra querida
Minha alma sentida medita em tormento.*

*Que vida, que sonhos eu tinha com ela
Que terra tão bela, não posso esquecer
Mais guardo a lembrança, medito meu sonho
Que curço tristonho do meu padicer.*

*Canções me recordam lembranças vibrantis
Ao viver distante do meu Piauí
Na senda da vida enfrento a campanha
Saudades tamanhas passo eu aqui.*

Ocultando as lágrimas que rolam na fassa

*Que alma sem pouzo. Um ser disterrado
Do berço adorado, tão longe de mim
Pelo mundo afora em terras istranhas
Que dores tamanhas, saudades sem fim.*

*Adeus conterrâneos com quem convivi
Lugar que cresci, terras que andei
Abelhas e mel, mil flores do prado
vivo disterrado, da sorte não sei.*

*Eu triste medito a sorte cruel
Em taças de fel, calis de amargura
Que o destino reserva a matéria humana
Que lida tirana que sorte tão dura.*

*Os pés levam o homem a comprir sua sina
Ninguém adivinha o futuro em avante
Duente, frágil a viver sacrifícios
Chuí de suplício, suplícios sem fim.*

*Quem me dera ainda poder ser feliz
A sorte não quis, já mais viverei
Aqui nesta terra sem ter liberdade
Ah, lembranças, saudades de quem lá dechei.*

Quem me dera ser como o pensamento

*Fazendo um disfarce para distrair
Quem dera meu Deus inda contemplar
Meu sertão sem par, alegre a sorrir.*

*A cada momento eu a contemplava
Contente ficava. Adeus meus sertões
Ah, belas canções que eu por lá gravava.*

*Sertão de minha terra, campos verdejantes
Que céu tão brilhante, que fontes mimosas
Serras iscarpadas, campos inponentis
Ó terra excelente, manhãs tão garbozas.*

*Adeus, vou saindo, partido de dor
Sentindo um clamor no meu coração
Do belo sertão, de amor confiança
Só tenho a lembrança do belo sertão.*

*Que céu istrelado, que campos floridos
Meus entis queridos, tudo lá ficou
Que longes istradas, que plantas tão útis
Sertão do Brasil. Tão longe eu estou.*

(13 de julho de 1966)

*Saudades e penas eu trago comigo
Adeus meus amigos, vou comprir a sorte
Comprir meu destino. Indo pelo mundo
Triste moribundo, nas terras do norte.*

Regida pelo signo da mudança – mudança de estado civil, mudança de estado geográfico, mudança de profissão – sua vinda para as terras maranhenses tem esta motivação: eis que enviudara (sua primeira esposa, Dona Clementina Ferreira de Carvalho Cruz, falecera, então, há cinco anos) e, contraindo novo matrimônio, é persuadido pelo sogro a emigrar para o estado vizinho. Da experiência, ele mesmo dá conta, na força pretérita das afirmações verbais: “Cheguei. Gostei. Fiquei.”

A sobrevivência no novo *habitat* se faz, a princípio, muito, **muito** difícil. Ele mesmo o confirma, recordando: “Cheguei sem nada. No começo, me arranchei no Clube Anilense, um prédio abandonado, com muitos quartos, lá no Anil. Pra sobreviver, botei os minino pra vendê picolé e ingressei na venda de bilhete de loteria. Mais ou meno um ano

depois, comprei esta casa, que era um casebrezinho, numa rua diserta, mais paricendo uma mata”.

Boca da Onça ou Rua Três de Janeiro, Casa 25, Cruzeiro do Anil – é a referência domiciliar do poeta, desde 1968. Ei-lo que informa: “Cheguei aqui no dia três de janeiro de 1968. Todo mundo chamava isto aqui de Boca da Onça, mas eu mudei pra Três de Janeiro”. Fanfarrão: “Peguei a onça, matei, esquartejei... acabei com ela (risos). Agora, é Três de Janeiro”. No entanto, a marca da tradição ficou indelével. **Boca da Onça** persiste na nomenclatura popular da rua – cognome toponímico que (segundo o entrevistado) tem sua origem no riso largo e ruidoso (mostrando todos os dentes, de um canto a outro da boca), de uma das primeiras moradoras da dita rua.

Dessa maneira, é que o poeta, ex-lavrador e ex-sanfoneiro, muda de profissão, vindo a ser, por mais de vinte anos, corretor lotérico. Na nova militância, não se divorcia da musa devotada. E, enquanto vai vendendo seus bilhetes, no trânsito pelas artérias do centro comercial de São Luís, vai criando (e recitando) poeticamente, tendo sempre como fonte de inspiração: o **Amor**, a **Natureza** e a **Mulher**. Vejamos os fragmentos:

O amor é sempre risonho

Como pingos reluzentes

Ainda que se ande tristonho

Dos verdes pendentes galhos.

O amor é sonho, é dulçor

Face o viver enfadonho

Quem ama vive de sonho

Quem sonha morre de amor.

Às vezes fico a pensar

Nas leves asas do vento

Que a mulher é um mistério

As lindas gotas de orvalho

Tão macia como a lã

Aquela jóia minério.

Nos seus cadernos de anotações comerciais, no afã do dia-a-dia, o iletrado poeta vai tecendo seus versos. Por entre os nomes dos fregueses, páginas de poesia...

“Por onde vou, vou iscrevendo, eu sou pueta!” Por onde vai, vai escrevendo, ele é poeta... Um poeta que troca, definitivamente, o sertão piauiense, pelas ruas maranhenses do Centro Histórico da Cidade dos Azulejos, na Ilha do Amor. São Luís... Musa eterna de poemas e canções. São Luís... Por que não cantá-la? – já que o tempo, a convivência, pacífica e inspiradora, com tanta beleza e hospitalidade, o autorizam a considerá-la uma segunda pátria...

Ei-lo, pois, em contemplação poética, a exaltar a **Ilha Bela**, Mãe adotiva, admirada:

Nos lugares mais altos de São Luís

Em pleno truvo eu contemplo a Ilha Bela

Em alta noite eu me sinto tão feliz

*Dos seus luzeiros, tudo enfim eu gosto
dela.*

Pequenas luzes, eu ao longe fixando

Ficam piscando, eu meditando a admirar

Como que fassinantis me olhando

Algum segredo me querendo revelar.

Mais insisto em te olhar, linda cidade

São Luís de palma, véu e capela

Como noiva ajelhada ao pé do altar

Eu o noivo, apachonado a suspirar.

A noite passa: oras se vão e eu mirando

Petrificado, neste meu sonho tão lindo

As istrelas já sumindo lá no céu

Eu despertando, pois o dia vem surgindo.

Como que numa inocência de criança

Oras se passam e eu sempre a contemplar

Como que a consciência despertando

– Vamos imbora, é preciso repousar.

Os anos se vão passando e o poeta/corretor lotérico, andarilho do cotidiano sanluisense, vai familiarizando-se com a cidade, conhecendo-a em seus encantos e mistérios, desvelados no recôndito do seu urbano e hospitaleiro coração. E são tantos inesquecíveis detalhes... ladeiras, telhados, casarões, ruas estreitas, sacadas, velhas igrejas... que não passam despercebidos ao seu olhar. Quanto mais a conhece, mais a ama e vai traduzindo esse

amor no seu modesto e sempre iletrado poeta. Assim, mais uma singela e sincera homenagem à cidade, extensiva ao Estado amigo, acolhedor:

CONTEMPLAÇÃO DE SÃO LUÍS

*Contemplando os planetas selestiaes
De um coreto admirei muito feliz
Em densas trevas cintilada pelas luzes
A majestosa cidade de São Luís.*

*Era tarde, as istrelas fassinantis
Rebrilhavam os seus raios no Oriente
Minha musa ordenou-me a discrever
Imagens e emoções desse momento.
Tarde da noite e nos braços de Morfeu
Muitos humanos se achavam adormecidos
E na doçura da aragem matutina
Lanço a vagar pelo mundo meu sentido.*

*Sobre as asas de um dom que me foi dado
Pus-me a compor este singelo poema
À terra amada, capital nunca isquicida
Torrão simbólico do grande Gonçalves
Dias.
Dei meu amor a esta terra abençoada
Que jamais poderá ser preterida
Na memória e coração da nossa gente
Terra fértil, generosa e tão garrida.*

*Que puetas, patriotas, grandes nomes
Têm nascido nesta terra prazenteira
Este rincão benfazejo agraciado
Filho dileto desta pátria brasileira.*

*Antepassados já se foram desta vida
Para este mundo morreram, se acabaram
Foi-se a matéria ao túmulo consumir-se
Mais os nomes, estes se immortalizaram.
Outros mais que existem no presente
Substituem os que passaram pela morte
Continuando a defender este torrão
O pavilhão de um Brasil honroso e forte.*

*Velhos prédios recordando os velhos
tempos
Estreitas ruas, as ladeiras que pisaram
Nossos puetas a cantarem combatentes
A liberdade que o país tanto ansiava.
São Luís do Maranhão – pai da pobreza!
Acolhedor dos pobres necessitados
Dos retirantes que tangidos pela seca*

Chegam aqui e logo são amparados.

*Estado rico, bom, onesto, generoso
Hospitaleiro e com grande coração
Haverás de a cada dia progredir
Bela terra, chão airoso, Maranhão!*

*Brasileiro que te ame e considere
De coração, não haverá mais do que eu
Minha alma, minha vida a ti entrego
No teu regaço meu amor é todo teu.*

*Teu litoral de belas praias esplanadas
A leve brisa me traz uma sensação
Enquanto muitos se divertem, se distraem
Em mim se opera tão grata recordação.*

*Regozijo-me em olhar as fortes ondas
Considerando o poder da natureza
Magnífica é a sua competência
Abstrativo santuário de beleza.*

Que sentimentos de mim se apuderam

*Não ser formado, não ter feito um curço
bom*

Fortifico-me em saber que não é a letra

Mais o berço é quem dá ao homem o dom.

Se um dia desta terra eu for embora

Em saudades me verei noites e dias

Até que volte novamente sem demora

Para abraçá-la decantada em Poesia.

O meu peito em saudade se arderá

Meu coração taciturno e melancólico

Ficará se algum dia eu a deixar

Com seus prédios de beleza tão simbólica.

São Luís, minha fé, minha esperança

Terra amada, tão querida e benfazeja

Viverás para sempre na lembrança

Deste pueta que só o bem te deseja”.

E assim, têmo-lo, numa contemplação da Musa Urbana, lembrando Walter Benjamin – que, na sua fisionomia, estabelece que a leitura da cidade moderna implica o exame minucioso das imagens impregnadas de história... Missão a que se arvora, o poeta, como *flaneur* andarilho das ruas, *voyeur* atento e perceptivo, apto a captar, entre as múltiplas, rotineiras incidências da vida urbana, a *madelaine proustiana* ou a *minmosyne* grega, prontas a imergi-lo nas águas da memória, a descortinar-lhe o cenário da história, no transe poético...

Outra das muitas contingências em que se tem visto, no dia-a-dia de corretor lotérico, é a de **poeta de encomenda**, a compor versos de improviso, empático às emoções, alheias, interpretando, traduzindo-as, poeticamente, no instante preciso. Dessa forma, tem prestado **socorro** poético a muitos **necessitados** do alento (retórico ou dialético) da palavra. Como no caso daquele jovem camelô, desalentado, que flagrara a sua amada (dele – também trabalhadora de rua) nos braços de outro (concorrente de profissão e de afeto). Na dilemática situação de impotência, ante a mulher fingida que ainda o domina e cujos encantos ainda o seduzem, deixando-o sem palavras para desprezá-la (como tanto gostaria de poder fazê-lo), solicita a assessoria verbal do poeta, que resolve o impasse com estes certos versos:

<i>Tu tens dito que me amas</i>	<i>Tanto ajunta que no fim</i>
<i>Eu nem posso acreditar</i>	<i>Não casará com nenhum.</i>
<i>Andei no teu coração</i>	
<i>E fiquei a imaginar</i>	<i>Vou procurar outro amor</i>
<i>Que lá já tem tanto dono</i>	<i>Da forma que me convém</i>
<i>Que eu não encontrei lugar.</i>	<i>Um coração terno e puro</i>
	<i>Que me ame e queira bem</i>
<i>Namorado pra você</i>	<i>Que não seja igual ao teu</i>
<i>Já é uma coisa comum</i>	<i>Que nunca amou a ninguém.</i>
<i>Qualquer um que você vê</i>	
<i>Vai achando muito bom</i>	

No sotaque cordelesco das rimas, a mensagem chega ao seu destino, cumprindo, eficientemente, a sua função emotiva. Na conexão psicológica emissor-receptor, o circuito de comunicação poética estabelece-se: a destinatária compreende que o ex-namorado não é um ingênuo, que se sabe enganado... E se rende, moralmente vencida. O poeta, então, é agraciado com “quinhentos cruzeiros”, aceitos por muita, **muita** insistência do beneficiado.

Fiel ao dom gratuito, Chico da Mata é, até os setenta e poucos anos de idade, um poeta em exercícios constantes. Ei-lo a confirmar:

Antigamente, todos os dias eu iscrevia verso. A qualquer hora, principalmente à noite. Dava meia-noite, todos durmindo, e eu iscrevendo até de madrugada. Hoje em dia, já deixo pur menos, por causa da vista. Mesmo assim, não posso passar um dia sem iscrever, nem que seja uma puisia.

Pai de seis filhos, do primeiro casamento (João da Mata Cruz, Daniel Francisco da Cruz, Francisco de Assis da Cruz, José Américo da Cruz, Moisés Francisco da Cruz, Manoel da Vera Cruz), Chico da Mata é casado, em segundas núpcias, com Dona Feliciano Rosa de Sousa (ex-professora de primeiras letras, em Alto Longá-Pi), com quem não teve filhos, a não ser dois natimortos. Considera-se uma pessoa feliz e diz (dezembro de 1981) e reitera (outubro de 1998) que poderia considerar-se ainda muito mais, não fora a doença (mental) permanente da esposa, manifesta logo no terceiro mês de vida conjugal. Essa é a sua grande dor.

Pode soar paradoxal, que o poeta viúvo tenha casado, pela segunda vez, buscando uma companheira que o ajudasse a cuidar dos filhos pequenos e, contrariamente às expectativas, a situação se tenha invertido, resultando em ele próprio (ajudado pelos filhos) ter que cuidar dela, anos a fio... Não obstante, é companheiro dedicado e fiel: “Minha isposa é uma cruz que eu carrego sem tirá do ombro, mas não berro”, ele diz. E, com a natural simplicidade que caracteriza a sua personalidade, fala do grande amor de sua vida:

O grande amor de minha vida, foram minhas duas isposas, uma continuando a outra, num amor sem fim. Amei todas duas, a primeira e esta aqui. A primeira era sadia e mais bunita do que esta. Mas a Felícia, também, já foi muito bunita em tempo de mais nova. Hoje, nem parece; a idade tá avançando e ela sempre duente, mas eu tenho muito carinho e zelo pur ela, que já foi e ainda é muito boa pra mim, apesar da duença. Todos os defeitos dela eu relevo. Tem tempos que ela se arrilia, fica impaciente e meio furiosa, mas eu compriendo que aquilo não é dela, é da duença, e ispero com paciência a crise passá. Quando ela milhora, volta a sê carinhosa e dedicada pra todos nós, como uma criança.

É um flagrante da personalidade humaníssima de Chico da Mata, a revelar, dentre outras virtudes: compromisso matrimonial, respeito à família, fortaleza moral, firmeza de caráter, generosidade, grandeza humana... “Poeta bilheteiro”, como se

identifica profissionalmente, foram (aproximadamente) sessenta e cinco anos de cotidiano poético, atestados, tão somente, por uma considerável pilha de cadernos de “caligrafia”, cifrados a lápis e/ou caneta esferográfica. Exclusivamente por amor à Poesia. Sem qualquer pretensão de ser lido, conhecido, apreciado pelo público. É poeta do silêncio e do anonimato literário, tendo na noite (única testemunha e companheira de sua solidão) o maior estímulo para a sua criação poética. As páginas se vão (iam) enchendo de letras, os cadernos sucedendo-se, empilhados em amarrados cruziformes de barbante, sobre a mesa rústica do seu modestíssimo “iscritório”. Sem qualquer travo de desilusão ou revolta, expressa (dezembro de 1980) e confirma (outubro de 1998) com resignada humildade: “Cunheço o meu lugá” – que pode traduzir-se em: minha poesia tem asas limitadas...

Vejamos:

Nos meus verços atrasados

Tenho desgosto profundo

Meu destino é iscrever

Traçar verços, correr mundo

Para os bons eu sou pueta

Para os maus sou vagabundo.

Em outro clima emotivo, diz, com maior alento moral:

Não tenho letra nem curço

De nível superior

Mas tenho literatura

Escrevo com muito ardor

E tenho como meu mestre

Cupido, o deus do amor.

Em 1967, em plena crise existencial, e ainda na condição de retirante, agregado no Clube Anilense, ele tenta ousar. Alçar sua poesia num vôo apelativo, num pedido desesperado de socorro. E arquiteta o poema:

Senhor Governador José Sarney

Senhor Prefeito, senhores Deputados

Ouçam a canção de um exilado

De um chegante, aqui do Clube Anilense

Que tem família, mas vive dizimpregado.

Que tem escritos de modesta autoria

Mas não tem como imprimir-los, sem dinheiro

Muitos planos lhe passaram pela mente

Tudo inútil, fica sempre em dizispero.

Uma esposa e seis filhos o acompanham

Um rapazinho que já vai se alistar

Outros menores que na luta já ajudam

Mais sem imprego, como poderá passar?

Como não tem o bom ânimo de pedir

Um trabalho para si de antimão

Manter seus filhos no colégio e nas artis

Pede sanarem tão cruel situação.

Que o ajudem publicar os seus folhetos

É pueta, tem seus versos, tem istórias

Tem romances, desafios, puisias...

Nos cadernos e guardados na memória.

E aspira viver com dignidade

Vendendo seus escritos pelas feiras

Se o ajudarem poderá, dessa maneira

Superar estas adversidades.

Uma tentativa de vôo, já o foi dito. De emissão de voz, que o pudor (note-se que o poeta disfarça-se, impessoalizando-se na terceira pessoa do verbo) e o bom senso silenciam e os cadernos registram. Em outro momento, desabafa humanamente angustiado: *Só sabe a dor de quem pede/ Quem precisa e vai pedir.*

Convertido (temporariamente) à religião protestante, congregado à Assembléia de Deus do seu bairro, lendo constantemente a Bíblia, vai projetando essas leituras na sua ficção poética, chegando mesmo a confeccionar, em cordel, a **História de Jesus,** donde um retalho:

Senhor Deus dos altos céos

Dê-me boa inspiração

Para que em puisia

Discreva com atenção

Trechos da Bíblia Sagrada

Do autor da criação.

Portanto peça atenção

*Da nobre comunidade
Para ler com o coração
Nas colunas da verdade
As palavras de Jesus
Grande Rei da Eternidade.*

*Sabemos que Jesus Cristo
Por sua bondade pia
É Filho de Deus Bendito
E da Santa Virgem Maria
Dela nasceu e criou-se
E deichou a Profecia.*

*Deus eterno vendo que
O povo distanciava
De seus mandamentos santos
Sucumbindo no pecado
Resolveu mandar o Filho
A cumprir o seu mandato.*

*Na família dos hebreus
Naquele tempo existia
Uma donzela que todos*

*A chamavam de Maria
Uma devota de Deus
Que santamente vivia.*

*Antes de tudo um anjo
Aparece a Zacarias
Um sacerdote de Deus
Que sempre, sempre pedia
Que o Pai lhe desse um filho.
A mensagem assim dizia:*

*– Zacarias, Deus Eterno
Ouviu a tua oração.
Isabel a tua isposa
Ouça, não duvide não
Será a mãe de um filho
Ao qual chamarás João.*

*Depois disto o mesmo anjo
A Maria apareceu
E disse: “Cheia de Graça”
Eis o recado de Deus:
“Darás à Luz um Filho”
Maria empalideceu.*

No mesmo tom religioso, projeta-se para além das fronteiras microcósmicas do seu ser, para tatear o Absoluto, no poema **Fé de Salvação**:

Quem acredita com fé viva que existe

No céu uma eterna moradia

Não devera sem motivo ficar triste

Quando desse o seu último suspiro.

Triste e pobre, sofredor e sem ventura

o cristão deve sempre almejar isto:

Meu corpo eu quero na sepultura

Minha alma eu quero perto do Cristo.

Quando o barro de que é feito o ser humano

Enfim retornar ao lamaçal

E alcançar, em seguida um outro plano

Seu espírito invisível e imortal.

E com um olhar sereno e doce

Purificado e radiante de luz

Seu olhar será então como se fosse

Imitação do próprio olhar de Jesus.

Talhados à imagem da experiência vivida, seus versos, muitas vezes, emergem, em ímpetos emotivos, de um mundo interior, de onde a mágoa se desprende, em comovente e proverbial filosofia: *Como em ondas o mar sofredor/ Vai deixando o seu pranto na areia ...*

Ei-lo em nuances diversas:

* Consciente da passagem inexorável do tempo, no seu *carpe diem* pessoal:

*Quando nos chega a velhice
Cansaço e dores tenazes*

Verdade que dilacera

O coração dos mortaes

É saber que a primavera

Da vida não volta mais.

Vai o tempo a vida corre

Vem a morte sem demora

Com seu açoite o distinto

Fustiga os corcéis da aurora

E num carro purpurino

Arranca o sol para fora.

Não te enganes com a vida

Que o grande Deus te doou

Não rias da mocidade

Que longe de mim ficou

Hoje és somente o que fui

Amanhã, o que hoje sou.

• Conselheiro que orienta, da cátedra da prudência:

Pensar mal da vida alheia

É coisa que não convém

Não julgues teu inimigo

Não julgues, enfim ninguém

Quem julga corre o pirigo

Não odeie o que quer mal

Nem despreze o que quer bem

Não há valor que confira

Merecimento a alguém

Como o despeito não tira

De ser julgado também.

O valor de quem o tem.

- Metapoetando, confiante na juventude interior:

*Sou velho de coração jovem
Por fazer o que sempre quis
O poeta é um ser tristonho
Muitos o julgam infeliz
Por sentir o que todos sentem
E dizer o que ninguém diz.*

- Desvelando/revelando verdades análogas à natureza:

*Bem como as águas que correm
Nas pedras sem desatino
Bem como a folha do outono
Que o vento leva sem tino
A vida é folha impelida
Pelo vento do destino.*

- Contemplando, extasiado, o crepúsculo (nascente e poente):

*Eu contemplo o sol nascente
Manhã cedo o raio espalha
Que lindo quadro poente
Muito além do fim da praia
Parece fogueira ardente
Que pouco a pouco dismaia.*

- Caminheiro noturno e solitário:

Às vezes noite de lua

*Eu vagueio pela rua
No meu dom, oh! que beleza!
Com a brisa em me contento
Medito no pensamento
Quanto é grande a natureza.*

*Nas belas noites de outono
Às vezes passo sem sono
Meu Deus, não sei o que fasso
Caminhando passo a passo
Por sob o belo luar...*

*O poeta é um ser profundo
Que trilha por todo o mundo...*

- Lamentando, contristado, a destruição da Natureza:

Até pelos animais *No fundo do coração.*
Amor, carinho é mister
A mata foi derrubada
O verde já não existe
Agora a terra arrasada
Ficou tão feia e tão triste.

*Gente que vive no mundo
À toa, sem ter noção
Nesta noite enluarada
No silêncio, na emoção
Vou gemendo esta toada*

- Em conflito existencial, angustiado na incerteza ontológica:

Eu não sei como se faz

Para se ser mais feliz

Não andem por onde andei

Nem façam nunca o que eu fiz

Que envelheci e cansei

Sem nunca achar o que quis.

- Antenado à realidade que o cerca, consciente de sua função social (educativa, anunciadora e denunciadora), apontando injustiças sociais:

<i>Que situação precária!</i>	<i>E as crianças com fome</i>	<i>Com esta crise ora vista</i>
<i>O pobre e a carístia</i>	<i>Fracas, débeis, descontentes</i>	<i>A pobreza em desalento</i>
<i>A pobreza dando um duro</i>	<i>À falta de alimento</i>	<i>Trabalha sofrendo tanto</i>
<i>Ganhando uma mincharia</i>	<i>Que lhes garanta o sustento</i>	<i>E vai entrando no couro</i>
<i>O salário da semana</i>	<i>E os que por fim não morrem</i>	<i>e outros no apogeu</i>
<i>Se consome num só dia.</i>	<i>Se criam fracos, doentes.</i>	<i>Pisando em cima do ouro.</i>
<i>Cada um faça juízo</i>	<i>Criancinhas maltrapilhas</i>	<i>Mundo bom, mundo ruim</i>
<i>Pensando a situação</i>	<i>Magricelas, pés no chão</i>	<i>Indo de mal a pior</i>
<i>O pobre trabalhador</i>	<i>Andam ali pelas ruas</i>	<i>Tudo enfim, desmantelado</i>
<i>Trabalha que nem um cão</i>	<i>Com a muchila na mão</i>	<i>Nada se vê de melhor</i>
<i>E o dinheiro que ganha</i>	<i>Pedindo a um e outro</i>	<i>O povo é pegando taca</i>
<i>Não dá pra comer de pão.</i>	<i>Um bocado do seu pão.</i>	<i>Num sofrimento a dar dó.</i>

- Sensível ao tempo do seu tempo, articulando a sua poesia para acolher fatos e pessoas esquecidas pela sociedade, proscritas da realidade, como que tentando despertar a consciência humana para a solidariedade e a fraternidade social, para a

responsabilidade mútua, vislumbrando caminhos mais promissores para a humanidade:

AVENTUREIRO CANÇADO

Um homem velho a passos lentos pela rua

Ao clarão da luz elétrica e da lua

Desfigurado de ropagem semi-nua

De porta em porta vai pedindo o que cumer

“Uma esmola” – ouve-se o pobre a dizer

*“Pegue um trocado” – alguém faz a caridade
Outros não dão por não terem piedade*

E o pobre velho nada ousa responder.

Mesmo à noite não se poupa de pedir

Para o jantar – já não pode resistir

E trabalho já não pode conseguir

Ele aventura quase morto de canceira

Vezes no chão, ali passa a vida inteira

Exposto ao vento, meditando a triste sorte

Neste desprezo já não teme nem a morte

Perambulando até a hora derradeira.

De manhã cedo continua o sofrimento

No afã de arranjar o alimento

Sua vida é um ridículo tormento

Pobre velho que o mundo não lembra mais

Nem entender ousa uma sorte tão tenaz

Ou dar ouvidos a ti pobre sofredor

Que tão humilde, de ninguém guarda rancor

Levando a vida até os tempos finais.

Já se alegra com a morte no futuro

Para ele assim será muito melhor

Viver o presente lhe parece bem pior

Tendo o desprezo como único troféu

Seu viver é como um sinuoso rio

A sofrer dia e noite sem descanso

No peito só lhe resta uma esperança

Um sossego nos altos rumos do céu.

Que alegria quando alguém lhe dá esmola!

Com ninharia o pobre velho se consola

Sem mais detensa, guarda a prenda na sacola

Rogando a Deus por quem tão pouco lhe deu

“Que Jesus Cristo acompanhe os passos teus”

E ao meio-dia, com calor e ao sol quente

Procura logo com o que se alimente

Dando graças pelo bem que recebeu.

A ismola que lhe dão de coração

Mesmo que seja do valor de um tostão

Para ele vale mais que um milhão

Perante as mãos de quem vive no apogeu

Diz: “Meu Senhor gratifique quem me deu”

E assim leva a vida em sofrimento

Até que um dia surge logo de momento

A notícia de que o velho morreu.

<i>Como um cão caminhando pela areia</i>	<i>Que ventura, que grandeza ele alcançou!</i>
<i>Sem carinho ninguém liga à sorte sua</i>	<i>Tanto, tanto pela terra ele errou</i>
<i>Deus do céu, veja lá que vida crua</i>	<i>Tanto, tanto pelas ruas vagueou...</i>
<i>Um pobre velho já cansado de aventura</i>	<i>Sem consolo, sem carinho, sem sorriso</i>
<i>Peregrinando sem parentes, sem dinheiro</i>	<i>Mas Jesus disse: “Ninguém queira ser melhor</i>
<i>Em agonia pelas ruas da cidade</i>	<i>Do que um destes, seja ele o pior”.</i>
<i>Esperando que lhe ajudem por bondade</i>	<i>O peregrino aventureiro aventurou</i>
<i>Até que chegue o momento derradeiro.</i>	<i>E, na humildade, ele ganhou o Paraíso.</i>

- Em mergulhos reflexivos, garimpeiro de suas profundezas, quiçá na tentativa de encontrar a verdadeira nomenclatura do seu ser, esculpando o perfil de si mesmo, na (oscilante) projeção d’**O QUE EU SOU**:

<i>O poeta é um repórter</i>	<i>Me transformou em migalha</i>	<i>Neste sofrer em que vivo</i>
<i>Das antigas tradições</i>	<i>E me deitou em um berço</i>	<i>Não tenho a quem apelar</i>
<i>Disvelador de segredos</i>	<i>Feito de traços de palha</i>	<i>Nasce o sol a terra aquece</i>
<i>Guiado por gênios bons</i>		<i>Ponho-me alegre a cantar</i>
<i>E contador de histórias</i>	<i>Vou levando a minha cruz</i>	<i>Mas o sol de mim se esquece</i>
<i>De todas as condições.</i>	<i>Sofrendo sem mais rancor</i>	<i>Não sei onde vai brilhar.</i>
	<i>Sozinho vou pelo mundo</i>	
<i>Sou o maestro da lira</i>	<i>Tentando esquecer a dor</i>	<i>Tristezas não me adiantam</i>
<i>Que muita gente admira</i>	<i>Relembrando que Jesus</i>	<i>Por isso não vou chorar</i>
<i>Já tenho notoriedade</i>	<i>Foi o maior sofredor.</i>	<i>Quem canta o mal não esquece</i>
<i>E ninguém diz que é mentira</i>		<i>Pois que se pondo a cantar</i>
<i>Transformo todo o universo</i>	<i>Senhor Deus seja comigo</i>	<i>Há de estar sempre lembrando</i>
<i>Num reino de fantasia.</i>	<i>Tenha de mim piedade</i>	<i>Que é para o mal espantar.</i>
	<i>No veu viver inclemente</i>	
<i>Retrato a realidade</i>	<i>Não temo a adversidade</i>	<i>De mim a felicidade</i>

<i>Discrevo o que o povo sente</i>	<i>Que Jesus está comigo</i>	<i>Hoje só vive fugindo</i>
<i>Disvendo muitos mistérios</i>	<i>Na hora da tempestade.</i>	<i>Amores, ternuras tantas</i>
<i>Dos tempos de antigamente</i>		<i>Eu chegando, vão partindo</i>
<i>Discubro ainda os segredos</i>	<i>Alguém que fala de mim</i>	<i>Pela estrada que se alonga</i>
<i>Do nosso tempo presente.</i>	<i>No meu triste padicer</i>	<i>Eu vivo sempre seguindo.</i>
	<i>Aqueles que sempre tentam</i>	
<i>Desvendando os sentimentos</i>	<i>Da vida do outro saber</i>	<i>A longa estrada da vida</i>
<i>Que traz a alma ferida</i>	<i>E a sua própria vida</i>	<i>Que pela frente ainda vem</i>
<i>Com os olhos rasos d'água</i>	<i>Não tratam de conhecer.</i>	<i>O tempo em sua carreira</i>
<i>Por uma lágrima vertida</i>		<i>Leva o mal e leva o bem</i>
<i>De pachão e amor sem fim</i>	<i>Nesta triste disventura</i>	<i>E levando a alegria</i>
<i>Que se traz por toda vida.</i>	<i>O distino em brincadeira</i>	<i>As dores leva também.</i>
	<i>Sempre brincando comigo</i>	
<i>Sou romântico trovador</i>	<i>Que nem criança brejeira</i>	<i>Assim vivo padicendo</i>
<i>Também sou muito feliz</i>	<i>E sempre a brincar me traz</i>	<i>Mas sempre cheio de amor</i>
<i>Coração não envelhece</i>	<i>Tapado a vida inteira.</i>	<i>Do inimigo aperto a mão</i>
<i>Mentira de quem o diz</i>		<i>Com doçura, sem rancor</i>
<i>Coração só envelhece</i>	<i>Meu distino é tão atroz</i>	<i>Ao contato do perdão</i>
<i>Quando se sente infeliz.</i>	<i>Eu não nego não engano</i>	<i>Até pedra vira flor.</i>
	<i>Na loteria da vida</i>	
<i>Eu contemplo a natureza</i>	<i>Nada de bom me foi franco</i>	<i>Se sou bom, se sou ruim</i>
<i>As mais altas amplitudes</i>	<i>Sempre joguei pela sorte</i>	<i>Disto não posso saber</i>
<i>Escrevo versos românticos</i>	<i>E tudo saiu em branco.</i>	<i>Esta vida é um buraco</i>
<i>E as mais belas canções</i>		<i>Cujo fundo não se vê</i>
<i>Com elas toco as cordas</i>	<i>Ora em pé, ora caído</i>	<i>Morre o bom, fica o velhaco</i>
<i>De todos os corações.</i>	<i>Vou levando a minha cruz</i>	<i>e ninguém sabe por quê.</i>
<i>Na minha lira romântica</i>	<i>Nas minhas necessidades</i>	<i>Sofro, sofro, sofro tanto</i>

Na força que o verso tem Vou clamando por Jesus Mas não perco meu rojão
Exalto sempre o amor Pra que me dê um poquinho Para o mal eu tenho o bem
Pois ele só me faz bem Dos raios de sua luz. Para o ódio, o meu perdão
Porque amar e ser amado Para o amor tenho também
Nunca fez mal a ninguém. Vou suportando com calma Muito amor no coração.

Meu sussego esvaiu-se Minha alma não contradiz
Numa tremenda batalha Ser alegre na humildade
Parece que a Natureza É um jeito de ser feliz
 E é verdade aprovada
 Por São Francisco de Assis.

• **Amargurado nas agruras do labor profissional:**

Digo àqueles que me culpam Compre o bilhete e espere
Com rancor e ironia Que um dia a sorte vem
Porque me compram bilhetes E se ela não vier
E não ganham a loteria Culpa alguma ninguém tem
Botando a culpa em mim: Siga em frente, vá comprando
- Mas que culpa eu teria? Não fique culpando alguém.

Se eu soubesse o premiado É esta a verdade exata:
Acham que ia vender? A sorte não nos pertence
É claro que não vendia Porém tudo tem o seu dia
O bilhete pra vocês Eu quero que você pense
Mas com ele eu ficaria Não fique a disisperar
Que culpa é que posso ter? Quem disispera não vence.

Se queiche é da sua sorte Ganhar é bom, é verdade

*Que seu dia não chegou
A sorte quem dá é Deus
E não eu que a sorte dou
O vendilhão não tem culpa
A culpa é do comprador.*

*Entanto, melhor é o amor
Mas o amor não se vê
E ninguém lhe sabe a cor
Só se sente os ares dele
E o fogo do seu calor.*

*Eu vendo bilhete, amigo
Você tem que isperar
Uma vez você com ele
Tem mais é que aguardar
E não eu, pois que não tenho
Bilhete para ganhar.*

*Incorrigível poeta
Escrevo tudo que penso
Faz ser noite, faz ser dia
Eu tenho um prazer imenso
Quanto mais destilo versos
Quanto mais não me convenço.*

- Lírico-amoroso – em redondilhas, canções e sonetos:

CONFIDÊNCIA A UMA JOVEM A QUEM AMO RESPEITOSAMENTE

*Não fui, não sou, não serei
O homem que te beijou
Apenas sou, entretanto,
O poeta que te amou.
Quantas noites minha amada
Minha alma triste e cansada
Fez da dor uma canção
E quantas vezes querida
Colhi na estrada da vida
Pedacos de coração...*

*Somos dois tristes distintos
Unidos pelo ideal
Mas vivemos separados
Pela distância fatal
Assim como nos amamos
Quanto mais distanciamos
Mais se agiganta este amor
Sou no meu viver em prece
Neblina, orvalho que desce
Tu - botão: pétala-flor.*

Lembro-me que nos meus braços

Já tenho sofrido tanto

<i>Murmuraste: “Eu serei tua”</i>	<i>Sem carinho e sem prazer</i>
<i>Ao longe brilhava triste</i>	<i>Que acho, viver sofrendo</i>
<i>Por entre as nuvens, a lua</i>	<i>Já é uma forma de viver</i>
<i>E as brisas da noite calma</i>	<i>Se pergunto à madrugada</i>
<i>Sepultaram na minh’alma</i>	<i>“Por onde anda essa amada</i>
<i>Este estranho mausoléu</i>	<i>Que tanto me faz sofrer?...”</i>
<i>O brilho, a forma, o contraste</i>	<i>Caído, exausto, de braços</i>
<i>Do pranto que derramaste</i>	<i>Meu coração em soluços</i>
<i>E a luz dos astros do céu.</i>	<i>Responde: “não sei dizer“.</i>

FUI A JURITI MAIS PURA

<i>Fui a juriti mais pura</i>	<i>É tão profundo o dilema</i>
<i>Dos recôncavos da mata</i>	<i>De nossa grande paichão</i>
<i>Que quando o sol morre ao longe,</i>	<i>Que incrivelmente vivemos</i>
<i>Seu canto triste desata</i>	<i>Pelo mesmo coração</i>
<i>Ah! Que bom ser uma ave</i>	<i>Mais se entre beijos e abraços</i>
<i>Que desce serena e grave</i>	<i>Regressares aos meus braços</i>
<i>Da imensidão dos céus</i>	<i>Cansado de ti esperar</i>
<i>Migratória dos desejos</i>	<i>Seremos mais com certeza</i>
<i>Que mata a sede de beijos</i>	<i>Dois a quem a natureza</i>
<i>Na fonte dos lábios teus.</i>	<i>Fez pra sentir e a amar.</i>

A UMA SENHORITA A QUEM AMO TANTO

<i>Passarás, querida, a estrada</i>	<i>Cantarão teu nome as aves</i>
<i>E um tapete em teu olhar</i>	<i>Em mil notas musicais</i>
<i>Peregrina abandonada</i>	<i>Ora solenes e graves</i>

*Sem amor, sem paz, sem lar
Levarás por onde andares
A razão dos meus pesares
E o meu sonho singular.*

*Deixarás, porém, comigo
Órfão de qualquer prazer
Teu beijo que é meu castigo
E a causa do meu viver
O frio de ardentes dias
O calor das noites frias
Neste eterno padicer.*

*Mas o sol, feito de sangue
Te lembrará com emoção
E sobre as águas do mangue
Traçará teu vulto então
Progetará tua sombra
Nas planícies catacumbas
Das plenitudes do chão.*

*Nas águas do mar profundo
Teu corpo flutuará
E por não ser deste mundo
Não desaparecerá
Dentro do lençol de brumas
Sobre uma esteira de brumas
Ele permanecerá.*

*Ora alegres...joviaes
Teu nome há de encher os campos
Como a luz dos pirilampos
Nas tranças dos matagaes.*

*E as minhas mãos tão vazias
Nunca mais te tocarão
E assim humildes e frias
Pra sempre te aguardarão
Porque tu és como os sonhos
Que vão partindo risinhos
Mas não retrocederão.*

*Eu ficarei. Eu sozinho
Carpindo a dor dos meus ais
Ave que perdeu seu ninho
Na fúria dos matagaes
Que o mundo diz tão ferino:
O teu destino é o destino
Daqueles que amam demais.*

PARTIREI AGORA

Dizer-te-ei a Deus, querida

Antes da minha partida

Meu amor, consolo e vida...

Chorarei por ti quando estiver ausente

Que dor e emoção minh'alma sente

Vertendo este pranto amargo e quente

Une teus lábios aos prantos meus...

Chegaste a mim, verdadeiro amor

Que parto chorando, partido de dor

Enchuga o meu pranto com o teu ardor

Meus olhos estão imersos em lágrimas

Consola os meus ais, que já vou partir

Quero te beijar. É preciso eu ir...

Uma seta cruel a meu peito ferir...

Querida... sempre te amarei...

Em longe distância, de ti me verei

De saudades mil sei que morrerei

Cruel separação... Muito sofrerei

Longe de ti... Como viverei?

Solitário, sem ter alegria

Em dias tristonhos e noites sombrias

Quando um minuto vale por um dia

A Deus meu amor... agora irei.

EU TE AMO, LINDA FLOR

Eu te amo com meiguice
Com toda a minha carícia
Minha linda flor

És o meu amor primeiro
Juro por Deus verdadeiro
Que te tenho amor

É teu o meu coração
Quero a tua decisão
Sê a mim fiel

Quero viver este amor
Contigo minha linda flor
Em lua-de-mel.

TEUS OLHOS VERDES

Bandeirante do amor, parti cantando
Na busca ingrata de jazidas puras
E depois de sofrer mil amarguras
Nos matagaes da vida soluçando.

RECORDAÇÃO

Amor que o tempo amortalhou sorrindo
Entre as asas da dor e da amargura
Amor que foi a luz de um sonho lindo
Sutil como a expressão de quem
murmura.

*Tive sonhos febris, senti tonturas
Ante o fulgor do que vivi buscando
E o coração vibrou no peito soluçando
De carícias, de glórias, de ternura.*

*E regressei supondo haver achado
Minas divinas de um sonho dourado
Entre rios, florestas e abrolhos*

*E nunca ninguém achou tanto riqueza
Como eu achei o poema de beleza
Da ismeralda triste dos teus olhos.*

O QUE PARTIU

*Te esperarei, para sempre, meu amado'
Na ora da partida ela dizia
E unindo o rosto ao meu peito agitado
A mesma frase ansiosa repetia.*

*Foi muito comovente, estou lembrando
No cais do porto, a noite era fria
Quando pedi em lágrimas banhado,
Que esperasses, que eu regressaria.*

*E assim, parti, nas asas da ventura
Um lenço branco enfeitando a noite iscura
Na mão que dava o último adeus.*

*Amor feito de intensa disventura
Uma esperança viva diluindo
Meu amor, és a paz e a tortura
Sutil como a expressão de quem
murmura.*

*Hei de sentir-te. Em tudo estejas
No repicar dos sinos das igrejas
No céu, no mar, nas sombras, no chão*

*Viverás sempre dentro dos meus dias
Na eternidade destas noites frias
No meu olhar, na minha solidão.*

MEUS VERÇOS

*Estes versos saudosos que componho
E te declaro de alma comovida
São para ti, são todos teus, querida
Visão sensual da noite dos meus sonhos.*

*São rastros da esperança hoje perdida
Na sombra de um viver negro e tristonho
São lágrimas ardentes que deponho
Na catedral do amor de minha vida.*

*Estes meus verços tristes como o pranto
De um exilado no seu disincanto*

Dores assim os anos não consomem
Pela primeira vez, lágrimas de homem
Rolaram do amargor dos olhos meus.

Amando a pátria-mãe como um sacrário.
São pétalas já murchas, disfolhadas
No chão de todas as estradas
Que palmilhei tristonho e solitário.

AMOR INFELIZ

Tenho tua carta, a última por certo
Tistimunho mudo de uma amor infeliz
Teu coração sem vida assim como um deserto
Onde não medra o amor que sempre me pediste.

Já não lembras o céu do dia que partiste
Já não falas de ti, do campo em flor...
Nem das noites de amor, do beijo aberto que persiste
Orientando a ilusão do meu destino incerto.

Porém eu que tenho esta paichão secreta
Que rindo te ofereci meu coração pueta
A vida, a glória, o amor, o sonho e mocidade

Tenho os olhos sem brilho em lágrimas imersos
Ao ver que não podes compriender meus versos
Nem afastar de mim a dor desta saudade.

- Lírico-filosófico, neste soneto que poderia representar uma síntese autobiográfica do poeta:

VELHICE

Tudo passou: infância, glória, mocidade

A juventude virginal florida

E hoje, cansado e de alma envelhecida

Vivo tristonho, solitário e mudo.

Descrente da ilusão que existe em tudo

Voltando a olhar as curvas desta vida

Vejo a extensão de dores percorridas

E sigo triste, solitário e mudo.

Na cordilheira da existência louca

Quantas bocas beijaram a minha boca

Acompanhando a glória da subida!

Transpus a chan alta das montanhas

E hoje, já cansado, ninguém me acompanha

Nas iscarpas terríveis da descida.

- Curvando-se, alquebrado, ante o **ENFADO DA VELHICE**:

Já velho e cansado

O pezo dos anos

Do labor enfadado

Traduz nos enganos

Com o corpo enrugado

Remorços profanos

Do peso dos dias

Que o tempo nos traz

A noite a seguir

Já velho e demente

Não posso dormir

E nem dissemir

Tamanha agonia.

O tempo passado

Do moço ousado

De olhos fitados

Em minha bela flor

A vida é um sonho

Tão rude e tristonho

Suplícios medonhos

Canseiras e dor.

Lá na meninice

Com toda a carícia

Carinhos, meiguice

De mão recebia

Da vida a existência

Abate a essência

A dor inclemente

Eu jamais conhecia.

Me ocupa somente

Viver descontente

Memória tenaz.

O tempo traz guerra

O homem na terra

A lembrança o empurra

Somente a pensar:

A mocidade jamais

Voltará para trás

Suspiros e ais

Sem geito pra dar.

Vestido de dores

Com tais dissabores

Desbotam os amores

Do jovem que fui

Já velho e duente

Recito, prudente

Os tempos ausentes

Dias que se foram.

É a saga poética de Chico da Mata.

EPÍLOGO BIOGRÀFICO

Conhecemos Chico da Mata em maio de 1980. Encontro que se deu no Centro da cidade (São Luís), na confluência da Rua da Paz com a Praça João Lisboa, precisamente na calçada da hoje **Casa da Cidade**, ao lado da Agência dos Correios e

Telégrafos. Ele estava, literalmente, “no batente”, com as cartelas lotéricas à venda. Apresentamo-nos, no prazer de conhecê-lo, já famoso, por entre as “rodinhas palradoras” da referida Praça. Logo estava recitando seus versos, de memória, para admiração do seu seletto público (seus parceiros de atividade).

As entrevistas sucederam-se em sua residência, no Cruzeiro do Anil, quando tivemos acesso aos seus **cadernos de escrita**, consultados em sua casa mesmo, alguns tomados emprestados e posteriormente devolvidos. Nesse ínterim, publicamos pequenas matérias, sobre ele, ilustrados com alguns dos seus poemas, em jornais locais (Pequeno e O Imparcial). O poeta contava, nesse tempo, 63 anos de idade. Estava lúcido e, aparentemente, em pleno vigor de suas forças produtivas: vendendo e compondo. Como tal, foi presença constante (e marcante) no Centro comercial da cidade, sempre trabalhando como corretor lotérico, até por volta de 1987, quando, enfim, vencido pelo cansaço, como tão bem retrata nos seus versos, retira-se de circulação.

Revisitando, nesta oportunidade (1998), a sua poesia, revisitamos também o poeta, já nos seus 81 anos de vida e ainda recitando, de cor, muitos dos seus poemas e de outros poetas, lidos na juventude (Gonçalves Dias, Casemiro de Abreu, Olavo Bilac, Camões...). Compor, não mais compõe. A estas alturas de sua existência, com visão e audição comprometidas, recolheu a sua lira, guardando-a, para sempre, no coração, de onde ela ainda vibra em silentes (e dolentes) acordes.

Na revisita ao poeta, em seu antigo domicílio, foi emocionante de rever, passados quase dezoito anos, sua casinha, pequena e modesta, outrora pintada de azul e ora de amarelo-claro, ainda com o mesmo traçado leigamente arquitetônico, a mesma disposição dos (cinco pequenos) cômodos... Nada ali foi acrescentado a não ser as grades (fixas) nas janelas e (móvel) na porta de entrada. No quintal, o mesmo tanque... a velha e frondosa caramboleira... Ainda morando com o filho mais velho (a quem passou a regência da casa e do clã familiar), já casado e pastor evangélico de uma das igrejas do bairro.

O tempo passa, as coisas mudam... e algumas adaptações tiveram que ser feitas, no ambiente, para acomodar a família, que cresceu... Assim, o quartinho (dando para a janela da rua) que, dentre outras coisas, abrigava, num canto, empilhado sobre caixas, seus **cadernos de escrita**, e a mesa rústica, em madeira nua, sobre a qual ele

iscrivia, à noite, está a emanar primavera de vida, perfumes adolescênticos – eis que pertence, agora, a sua neta, memina-moça, morena e bonita.

A saleta que antecede a pequena cozinha também transpira renovação, com estante dotada de livros, jarros de flores, bibelôs ornamentais, aparelhos de som e TV (o que antes não havia, dado o poeta ter tido, com mulher e os filhos, uma vida simples e modesta, uma casa contendo tão somente o essencial e funcional).

É o Chico da Mata no outono da vida... Já na iminência de regressar à Casa do Pai³... Mas, sempre generoso, alegre, sorridente, **coração sempre cheio de amor** (como ele mesmo o diz). Nunca mais pode voltar ao amado, inesquecível, sertão piauiense. Não obstante é, verdadeiramente, um poeta-homem FELIZ.

BREVE COMENTÁRIO CRÍTICO

Tendo retraçado, em linhas gerais, o itinerário humano-poético de uma vida, dando à luz a Saga de Chico da Mata – cujas unidades poético-representativas tiveram, no capítulo anterior, um tratamento mais contemplativo – passaremos a uma breve especulação crítica e sob a perspectiva delineada no próêmio deste ensaio.

Assim, pois, a indagação: estivemos diante de uma obra verdadeiramente literária, produção de um autêntico poeta?

Na iluminação do impasse, incluiremos, no debate, a opinião de abalizados teóricos-críticos da Literatura, iniciando a reflexão com AMORA (1977, p.32), para quem a obra literária caracteriza-se por dois elementos essenciais: conteúdo e forma. Conteúdo e forma que, mesmo teórica e didaticamente estudados em separado, surgem, concomitantemente, no momento de inspiração criadora do artista, formando uma unidade inseparável. O primeiro elemento, pode-se dizer com o autor em referência, relaciona-se “com a expressão do conhecimento intuitivo e individual”, tratando-se, pois, da “expressão de uma intuição profunda e original, da realidade”; o segundo, por sua vez, diz respeito ao fator **criatividade**, expressando-se na **linguagem**

³ - em verdade, o poeta faleceu em 2005.

– linguagem literária, distinta da não-literária (expressão do homem comum), por ser rica e variada, uma vez que o artista é um ser dotado de peculiar sensibilidade para captar a realidade da existência, para ver as coisas com maior nitidez, pensar os problemas da vida com mais inteligência e profundidade, traduzi-las em palavras e expressões mais complexas.

Já WELLEK (*apud.* MOISÉS, 1998, p 28), cotejando as modalidades de linguagem **literária** e **científica**, postula ser a primeira “sumamente conotativa, opaca”, pois que “o signo volta-se para si mesmo”.

Por seu turno, MOISÉS (1998, p 38), procedendo a um reexame crítico das doutrinas de Croce e Fidelino Figueiredo, sumariza: “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal”. Em suma: “Literatura é ficção”, é “arte da palavra”...

Já o maranhense Ferreira Gullar diz, tão profunda e simplesmente, que “Literatura é a expressão verbal e artística de uma experiência humana” (GULLAR, 1996).

E que dizer da Poesia, deste Poeta – que a reflexão fundamentada nos autores acima já não tenha induzido ou sugerido a concluir? Todavia, vale ainda citar DANTAS (1982, p. 32), para quem a “poesia é um processo, através do qual o artista organiza um universo coletivo [...] é diferença, pois subverte determinado sistema [...] é um processo cujo resultado é o poema”. Ainda para DANTAS (1988, p. 15), o “discurso poético é o resultado de uma tensão dialética entre a linguagem e a realidade” – o que vem significar que linguagem e realidade dialogam, mediados pela poesia, articulada pelo poeta, como instrumento de reflexão sobre o real: valores, ideologias, mitos, usos, costumes, expressões da realidade, se vêem tocados/tocados pela Poesia em sua linguagem literária, consubstanciando-se, recriando-se, transfigurando-se em uma realidade maior, abrangente, definitiva, plurissignificativamente disposta pela expressão poética.

Após estas considerações teóricas, quer se nos parecer que já dispomos de algum subsídio para fundamentar, num corte mais epistemológico, esta nossa despreziosa especulação crítica da poesia damatiana.

A propósito, acreditamos que a Saga, exposta no capítulo anterior, já é capaz de atestar, por si só, a literariedade de um processo poético, em cuja tessitura se entrelaçam as contradições da realidade: *O amor é sempre risonho/ Ainda que se viva tristonho* (p. 07 da Saga).

Ou:

Não há quem possa entender

Esse mundo absoluto

Sempre a esmola benfazeja

É esquecida num minuto

A mão do ingrato apedreja

O galho que lhe deu fruto

(Verços Positivos – não inclusos na Saga).

Contradições, reiterando, de uma realidade em permanente transformação. Ver, por exemplo, poemas e/ou fragmentos nas páginas anteriores, sobretudo no ponto: lamentando [...] a destruição da natureza (p. 14) ou mesmo estes satíricos versos não constantes da Saga:

Nada existe de mais grave

Em São Luís do Maranhão

Do que a falta de água

Pra manter a população

Cada um cuide de si

Ou então vire jabuti

Sem beber todo o verão

Vimo-lo, ainda, poeta extraordinariamente sensível, debruçado sobre a natureza humana, questionando-a, sob ponto de vista vários... (páginas anteriores, na **Saga**). *Repórter de antigas tradições/ contador de histórias de todas as condições*, intertextualizando, readaptando, reinventando, reencantando o mundo... (ver, por exemplo, na Saga, retalho da **História de Jesus**).

Acompanhando a trajetória da Saga, portanto, acreditamos ter sido possível reconhecer, no processo poético damatiano, caracteres de uma linguagem literária, nos moldes defendidos pelos teóricos aqui convocados ao debate sobre a questão: conotação da linguagem, força metafórica da palavra, capacidade transfigurativa da realidade, inspiração, criatividade...

Tomemos, a propósito, um fragmento, ao acaso, de sua poesia, para análise interpretativa:

Lembro de que nos meus braços

Murmuraste: “Eu serei tua”

Ao longe brilhava triste

Por entre as nuvens, a Lua

E as brisas da noite calma

Sepultaram na minha alma

Este istranho mausoléu

O brilho, a forma, o contraste

Do pranto que derramaste

E a luz dos astros do céu”

(Confidências a Uma Jovem a Quem

Amo Respeitosamente).

Note-se que, em doce magia evocativa, o poeta transubstancia a experiência vivida, transpondo-a, do relicário da alma (memória) para o coração da arte (poesia). Assim, na moldura poética, o **abraço**, a **despedida** e a **promessa de entrega** (ouvida e não vivida pelo sujeito lírico) torna-se um momento único, singularizado na sensibilidade do poeta e na competência e performance linguística de um discurso rico em cintilações metafóricas.

Vejamos, portanto, o processo poético: realidade + imaginação criativa = supra-realidade e o contexto mimético em que se insere o **Eu serei tua...**

- **A lua brilhava triste entre as nuvens, ao longe.**

Transfigurado e projetado na dimensão da arte, vem sugerir um quadro pictórico (pintura literária) em fundo, digamos, romântico-impressionista, tendo como elemento dominante o **abraço** contra o binômio **noite/lua**, sugerindo, na moldura

idílica, o tom melancólico, nos efeitos claro/escuro, luz/sombra (visual) da atmosfera noturna, de conotação romântica, a refletir a tristeza, a saudade do sujeito poético que parte.

Nos versos seguintes, o poeta personifica as **brisas da noite calma**, conferindo-lhes o poder de sepultar, na sua alma, *istranho mausoléu*, o pranto da amada, sensivelmente percebido e detalhado – em brilho, forma e contraste – em cotejo com os astros do céu.

Em **Fui a Juriti Mais Pura** (ver na Saga), o poeta, como num processo de osmose, empatiza-se, analogiza-se à juriti da mata – *que quando o sol morre ao longe/ seu canto triste desata* – na configuração do seu dilema lírico-amoroso.

Em **A Uma Senhorita a Quem Amo Tanto** (p. anteriores, na Saga), dentre outros signos de literariedade/poeticidade, destaca-se o trecho...

Cantarão teu nome as aves

Em mil notas musicais

Oras solenes e graves

Oras alegres, joviais

*Teu nome há de encher os campos
Como a luz dos pirilampos*

Nas tranças dos matagais.

... em que o poeta sublima, no **canto das aves**, a memória saudosa da amada (morta?) que, assim cantada, integra-se à natureza, no encantamento poético. O canto das aves, pois, vem como que simbolizar, neste caso, a própria poesia (metaforizada), única força capaz de transfigurar e eternizar (na arte), a experiência vivida.

Muito mais poderíamos acrescentar, neste aspecto, sobre a poesia de Chico da Mata, que a brevidade deste comentário crítico não o permitiriam (o projeto, portanto, continuará em aberto). Esperamos, todavia, para o momento, ter dito o bastante para atestar a literariedade do discurso do autor e a poeticidade de seus versos.

Quanto ao gênero, considerando com Lígia Vassalo que, “.caberia à Lírica a expressão de emoções e disposições específicas, muitas vezes também de concepções, reflexões e visões, enquanto intensamente vividas e experimentadas / plasmadas /, nas vivências intensas de um EU no encontro com o mundo...” (VASSALO, 1994, p.4), opinamos que se trata de um discurso predominantemente lírico, transitando, em alguns momentos, para o épico – o que indicia um processo de maturação, numa poesia que já abre espaços, numa dimensão mais abrangente, partindo de um egocentrismo para um sociocentrismo, o que também vale dizer: da individualidade (subjativa) para a alteridade (intersubjetiva), o poeta vai transpondo as fronteiras do EU, para universalizar-se no somatório EU + OUTRO (s)...

Acrescentaríamos ainda que, na lira em acordes, podem-se vislumbrar os três âmbitos de ação sugeridos pela definição de poesia lírica, formalizado por Rosenfeld (*apud.* Vassalo, 1995, p.05): o **emocional**, o **social**, o **racional** – reconhecíveis nos fragmentos e unidades poéticas expostos na Saga. E ainda aspectos muito bem ajustáveis à forma adjetiva em que o termo lírico é designado por Émil Staiger (*apud.* D’Onofrio, 1995, p. 57), ou seja: “como um estado de alma, uma disposição sentimental, que o eu poemático exprime por meio de palavras fluídas, diáfanas, aparentemente sem nexos lógicos”. Em suma, a “poesia lírica é uma explosão de sentimentos, sensações e emoções” (*id. ibid.*).

Gênero lírico, pois, é a categoria em que inscrevemos o discurso poético dramático, instaurando-se, este, na função emotiva da linguagem, na expressão de uma subjetividade (em nível individual ou coletivo, manifesta na primeira pessoa do discurso), no modelar de um perfil estilístico predominantemente romântico, pelo menos em termos de conteúdo (subjetivismo, um certo egocentrismo/narcisismo, a exaltação da natureza, o amor à terra natal, a idealização da mulher, saudosismo, amor à Pátria, irrealização no amor, atmosfera noturna...), embora lhe sejam, também, reconhecíveis, ecos de oscilação barroca (tensão emotiva, contrastes e paradoxos...) e de uma sublimação clássica da mulher, bem como signos ideológicos de timbres realistas/modernistas, numa poesia que já se propõe a flagrar a realidade sua coetânea, a apontar problemáticas sociais vigentes, transpondo para a dimensão da arte tipos humanos comuns, do cotidiano marginal (veja-se, por exemplo, **Aventureiro Cançado**, p. anteriores, na Saga).

Da **forma**, diríamos, tende para o tradicional, numa mescla de nuances medievais (redondilhas) e clássicas (sonetos), em norma e código rítmico popular – destacando-se, como já foi anteriormente evidenciado, o **sotaque** cordelesco dos versos, característico da poesia popular nordestino-brasileira.

Suspendendo, não propriamente concluindo, estas considerações, deixamos no ar um questionamento/reflexão...

Então: poeta só mesmo um Petrarca, um Camões, um Gonçalves Dias, um Bilac... um Pessoa, um Quintana, um Drumond, um Leminsk... um Ferreira Gullar, um Bandeira Tribuzzi, um Odylo Costa, filho, um Alex Brasil, um Luís Augusto Cassas... uma Francisca Júlia, uma Cecília Meireles, uma Arlete Nogueira...

Chico da Mata, aqui está, eternizado nos seus iletrados **verços**, para quebrar o estereótipo, para mostrar que o dom poético não é privilégio dos escolarizados, dos graduados, dos acadêmicos, dos ilustres e renomados... mas que também eclode e floresce pelas marginais da vida, por entre pedras e cascalhos, em caminhos desconhecidos...

Chico da Mata aqui está. Desconhecido, sim, mas como ele mesmo o afirma e confirma: “Sou Pueta”; “Tenho literatura”... E o mérito maior de uma vida integrada (e entregada) à Arte, ainda que vivida em circunstâncias adversas. Contribuirá, com certeza, com os singelos acordes de sua lira (ainda proscrita), para a integração dos homens, para edificação do mundo... **Contemplando os planetas selestiaes**, vibrando com a natureza, extasiando-se com o brilho das **istrelas**, pelos **matagaes da vida soluçando**... o poeta critica, edifica, filosofa, alenta, ensina, diverte, encanta e enternece...

Poeta maior? Menor?... Poeta do Amor, diríamos, e no compasso analógico de uma sabedoria igualmente iletrada que postula: “a medida do Amor é o Amor sem medida”... Chico da Mata é, pois, imensurável. Não importam os desacordes do seu canto (uma irregularidade de metro aqui, um ritmo vacilante, uma rima dissonante ali...), seu limitado universo vocabular, onde temas e palavras muitas vezes se repetem... seus recursos expressivos de cunho tradicionalista e, portanto, de um certo modo, esteriotipados, suas manuscritas palavras um tanto quanto fora dos ditames da gramática... **É POETA! TEM LITERATURA!**

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcio Tavares de. **Filosofia da comunicação e da linguagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977.
- AMORA, Antônio Soares. **Introdução a Teoria Literária**. 12^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

- CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem**. 7ª. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- COELHO, Nely Novaes. **Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão lingüística**. 5ª. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.
- CORRÊA, Dinacy Mendonça. **Literatura iletrada**. São Luís: UFMA, 1981 (inédito).
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do Texto 2 – teoria da lírica e do drama**. São Paulo: Ática, 1995.
- DANTAS, José Maria de Sousa. **Didática da Literatura**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- **MPB - o canto e a canção**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1988.
- GULLAR, Ferreira. **Conferência proferida sobre o processo de criação literária no Encontro de Letras - Ceuma**. São Luís, ago.96.
- JAKOBSON, Roman. **Questions de Poétique**. Paris: Seuil, 1973..
- LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1966.
- MOISÉS, Massoud. **A criação Literária - poesia**. 17ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- VASSALO, Lúcia. Da lírica. In: **Poesia Sempre. Tempo brasileiro** (out/dez). Rio de Janeiro, 1985.